Subsídios para o estudo do megalitismo da Beira Baixa. A anta da Urgueira

Joaquim Batista *

Resumo

O autor expõe o momento actual da investigação do megalitismo na Beira Baixa, apresentando um breve historial sobre a mesma, apontando as principais deficiências existentes. Revela o número de dólmens existentes nesta província e qual a sua localização por concelhos. No respeitante ao monumento da Urgueira, disserta sobre a sua descoberta, escavação e espólio exumado. Dos materiais existentes contam-se três machados de pedra polida e quatro fragmentos de vasos, um dos quais quase completo. Das conclusões há a ressaltar o facto de estarmos perante uma escavação exemplar para os inícios do século XX, da autoria de Tavares Proença. Os materiais poderão ser datáveis dos inícios do IV milénio a.C., com todas as reservas possíveis, dado não haver elementos para se obter uma datação absoluta ou relativa.

Résumé

L'auteur présente l'état actuel de la recherche sur le mégalithisme de Beira Baixa, avec un bref rapport sur celles-ci et ses lacunes les plus importantes. Il nous présente aussi un inventaire de dolmens existant dans cette province et leur localisation.

En ce qui concerne le monument d'Urgueira, il expose la découverte, la fouille et le matériel exhumé par Tavares Proença em 1903/4. Parmi les matériaux on peut compter 3 haches polies et 4 fragments de vases, d'eux formant un profil presque complet. Parmi les conclusions on doit relever que, pour le début du XXe siècle, on est devant une excavation exemplaire.

Les matériaux remontent aux commencements du IVème millénaire av. C., avec des réserves compréhensibles, puisque il n'y a point d'éléments nécessaires pour qu'on puisse faire une datation soit absolue ou relative.

* Museu de Francisco Tavares Proença Junior, Castelo Branco.

O Arqueólogo Português, Série IV, 1, 1983, pp. 89-102

Subsídios para o estudo do megalitismo da Beira Baixa. A anta da Urgueira

Joaquim Bastos *

Introdução

A anta da Urgueira (Perais) foi descoberta por Tavares Proença Junior em 10 de Novembro de 1903 e escavada pelo mesmo em 7-8 de Agosto e 10 de Outubro de 1904. Os resultados dessa escavação foram divulgados em 1909, num opúsculo de grande valor para a investigação do *megalitismo* da Beira Baixa [1].

O *dólmen* da Urgueira está inserido na chamada "Necrópole Dolménica de Sarnadas", identificada pelo mesmo arqueólogo nos primeiros anos deste século. Dela faziam então parte dezassete monumentos assim distribuídos:

— Anta da Urgueira (Perais);
— Anta da Silveirinha (Benquerenças);
— Dois *tumuli* megalíticos na planície do Locriz;
— Treze antas ao redor do Sarnadas de Ródão e de Atalaia de Ródão.

Acontece que nem todos estes monumentos conseguiram resistir à incúria do Tempo e do Homem. Porém, ao conjunto identificado por Tavares Proença, podem hoje acrescentar-se outros, descobertos por F. Henriques e J. Caninas [2], assim como por Agostinho Ribeiro [3].

O *fenómeno megalítico* na Beira Baixa tem despertado pouco a atenção dos estudiosos ao longo dos tempos; poder-se-á mesmo afirmar que o seu estudo pouco terá progredido desde a morte de Tavares Proença. Tratando-se de uma zona com particularidades a vários níveis, algo distintas das outras zonas portuguesas, é também natural que o seu *megalitismo* assuma algumas características próprias, que até ao momento foram pouco exploradas, senão mesmo pratica-

[1] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *Anta da Urgueira (Beira Baixa)*, Typografia Leiriense, Leiria, 1909.

[2] HENRIQUES, F. J. R., CANINAS, J. C. P., *Breve Relatório da Campanha Arqueológica de Sarnadas*, "Portas de Ródão", 125, Vila Velha de Ródão, 1979.

[3] RIBEIRO, A., *Património Arqueológico de Sarnadas de Ródão*, "Jornal do Fundão", Fundão, 1979.

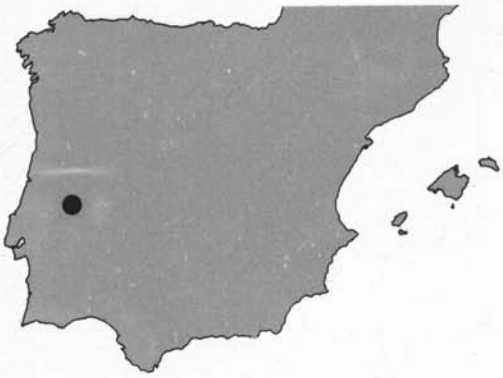

Fig. 1 — Localização da Anta da Urgueira na península Ibérica.

mente ignoradas. Porém, o *megalitismo* da Beira Baixa não será no essencial diverso do de outras regiões do Ocidente Peninsular, assim como já foi expresso[4].

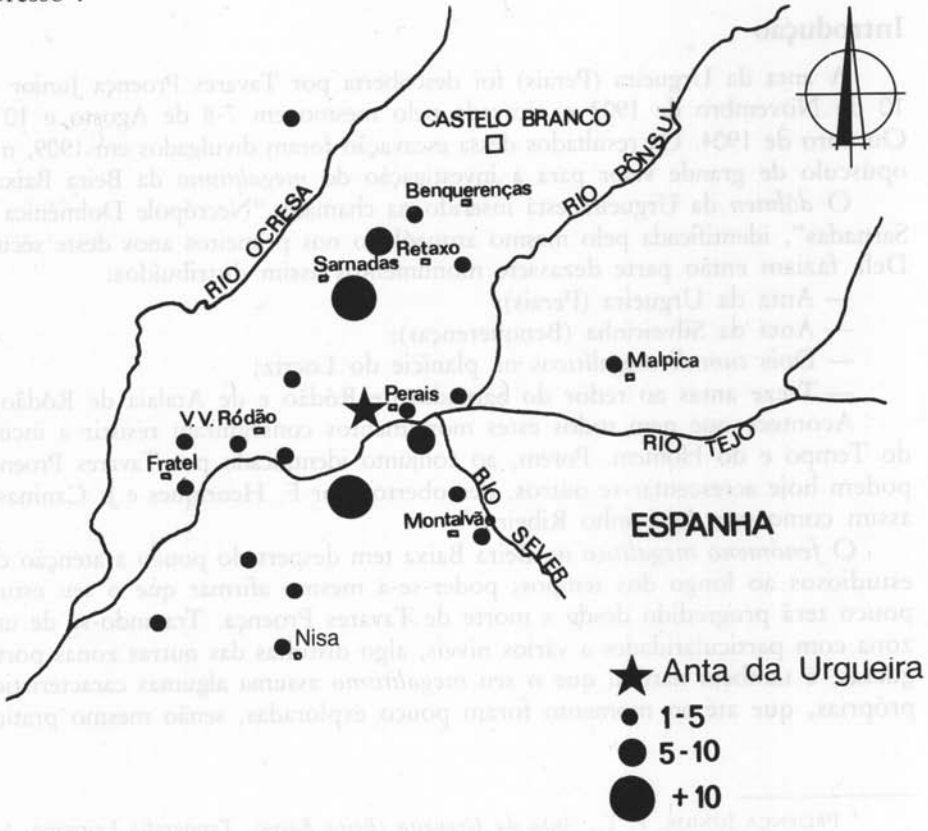

Fig. 2 — Enquadramento dolménico da Anta da Urgueira.

[4] ALMEIDA, D. F.; FERREIRA, O. da V., *Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha*, "Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia", I, Lisboa, 1959, p. 229.

Os poucos estudos publicados desde a morte de Tavares Proença, pouco ou nada vieram aclarar o vasto leque de lacunas existentes, e investigadores como Félix Alves Pereira, D. Fernando de Almeida e Octávio da Veiga Ferreira não chegaram a alterar este deficiente panorama, embora por ali tivessem efectuado trabalhos arqueológicos. Constitui escândalo digno de nota que, passados setenta anos sobre a publicação da primeira estratigrafia dum dólmen desta zona [5], mais nenhuma tivesse sido publicada até ao momento. Outra importante deficiência é a não existência de qualquer datação absoluta (C 14 ou por Termoluminescência) para esta região, que é assim, salvo erro, a única província portuguesa nessas condições, o que de resto se aplica a todos os períodos da Pré-história. O reduzido número de escavações vem, por outro lado, contribuir poderosamente para o quase desconhecimento do *megalitismo* regional, e a circunstância de a maior parte dos monumentos se encontrar violada e num avançado estado de deterioração, facto este já antigo [6], é mais um elemento que dificulta o seu estudo.

H. N. Savory aponta como característica fundamental do *megalitismo* desta região o facto de os materiais serem sem dúvida mais pobres que os do Alentejo [7]. Será este ponto de vista sustentável em toda a sua extensão? Cremos ser ainda muito cedo para nos debruçarmos sobre tal problemática, mas parece-nos todavia que a situação não será bem a exposta. Recordemo-nos a propósito do rico recheio da Anta Grande de Medelim [8], das placas de xisto antropomórficas dos arredores de Idanha-a-Velha [9], e dos abundantes materiais da "Necrópole Dolménica do Pônsul" (aliás ainda não totalmente escavada), assim como esporádicos materiais de superfície de certos monumentos como a Anta da Capa Rota [10] e a Anta do Farranhão [11]. Trata-se de monumentos com um espólio que, embora não seja muito numeroso na maioria das vezes, tem bastante qualidade, para nos darmos conta de que, com os nossos conhecimentos actuais, não nos será permitido tirar conclusões daquele teor, ainda mais sem se ter procedido a escavações apoiadas nos requisitos científicos mínimos.

Resta assinalar que o número de *megálitos* que estão inventariados na Beira Baixa é considerável. Segundo Tavares Proença existiam cerca de noventa e quatro [12]. Contudo, hoje, para além desses, muitos outros. No concelho de

[5] PROENÇA JUNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 13-14, fig. 2.

[6] Todos os investigadores que trabalharam na zona são de igual opinião, expressando-a nas obras que chegaram a publicar. (Cf. os artigos assinalados em nota de pé-de-página ao longo do presente trabalho).

[7] SAVORY, H. N. *Espanha e Portugal*, Verbo, Lisboa, 1974, p. 109.

[8] PEREIRA, F. A., *A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico na Beira-Baixa*, "O Archeólogo Português", XXIX, Lisboa, 1934, pp. 49-73.

[9] ALMEIDA, D. F.; FERREIRA, O. da V., *Placas de xisto antropomórficas do Museu Lapidar Igeditano (Idanha-a-Velha)*, "Revista de Guimarães", LXVI, 1-2, Guimarães, 1956, pp. 40-50.

[10] LEITÃO, M., *A Anta da Capa Rota (Castelo Branco)*, "Estudos de Castelo Branco", Nova Série, 4, Castelo Branco, 1978, pp. 40-50.

[11] Monumento ainda inédito, estando o seu estudo preliminar a cargo de João C. P. Caninas, que o publicará em breve.

[12] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *Archeologia do Distrito de Castello Branco (1.ª contribuição para o seu estudo)*, Typographia Leiriense, Leiria, 1910, p. 24.

Proença-a-Nova estão inventariados setenta *dólmens*, alguns descobertos por Tavares Proença e a grande maioria pelo casal Leisner [13]; no concelho de Idanha-a-Nova estão identificados cerca de setenta, uma parte deles localizados por D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira [14], mas a maioria descobertos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas de Rosmaninhal (G.E.P.A.) [15]; no concelho de Vila Velha de Ródão cerca de quarenta; no concelho de Castelo Branco cerca de trinta; no Concelho de Penamacor sete, mas muitos outros deverão existir, já que se nos deparam bastantes topónimos que habitualmente surgem associados a monumentos deste tipo [16]; no concelho de Mação estão identificados sete *dólmens* [17]; quanto aos concelhos de Covilhã, Oleiros, Fundão, Sertã e Belmonte, só temos conhecimento dos *megálitos* indicados por Tavares Proença [18]. No respeitante aos concelhos de Pampilhosa da Serra e Vila de Rei, não possuímos qualquer dado.

Neste contexto, afigura-se-nos de grande importância o reexame de monumentos cujo espólio esteja deficientemente identificado e referenciado, como é o caso da Anta da Urgueira. O presente espólio, apesar de ser relativamente escasso, pode servir para completar de algum modo o quadro dos nossos conhecimentos actuais acerca do *megalitismo* beirão.

Os materiais que passamos a analisar encontram-se expostos no Museu de Francisco Tavares Proença Junior, de Castelo Branco, na vitrina IV da Sala I; agradecemos as facilidades de estudo ao director do referido Museu, Dr. António Forte Salvado; agradecemos igualmente informações prestadas por Mário Lobato Chambino, Francisco Henriques, Agostinho Ribeiro, José A. O. Henriques, Manuel Leitão, João Caninas e Dr.ª Philine Kalb. Aos Drs. Luís Raposo, João Ludgero Marques Gonçalves e Susana Correia os nossos agradecimentos pelos inúmeros conselhos prestados [19].

Localização e situação do monumento

O monumento da Urgueira fica situado a cerca de 3000 metros para sudeste do monte da Coutada, freguesia de Perais, concelho de Vila Velha de Ródão, distrito de Castelo Branco. A sua cota em metros é de 160. Possui uma coordenada hectométrica (Secundária de Gauss) que é a seguinte: H469013,

[13] Informação prestada pela Dr.ª Philine Kalb.

[14] ALMEIDA, D. F., FERREIRA, O. da V., *op. cit.* (v. nota 4).

[15] G.E.P.A., *Antas no Rosmaninhal*, "Raiano", Idanha-a-Nova, Abril, 1979.

[16] BAPTISTA, J., *Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Penamacor, até ao Domínio Romano*, Comunicação apresentada ao I Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor, Penamacor, 1979 (no prelo).

[17] PEREIRA, M. A. H., *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*, Mação, 1970, pp. 63-85.

[18] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 12), pp. 3-6, 8, 14, 15.

[19] Os desenhos dos materiais foram efectuados no gabinete de desenho do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, onde também receberam tratamento laboratorial e restauro.

obtida a partir da Carta Militar de Portugal 1/25 000, n.º 303, dos Serviços Cartográficos do Exército, edição de 1945.

Geologicamente esta anta está assente num terraço de *arcoses*.

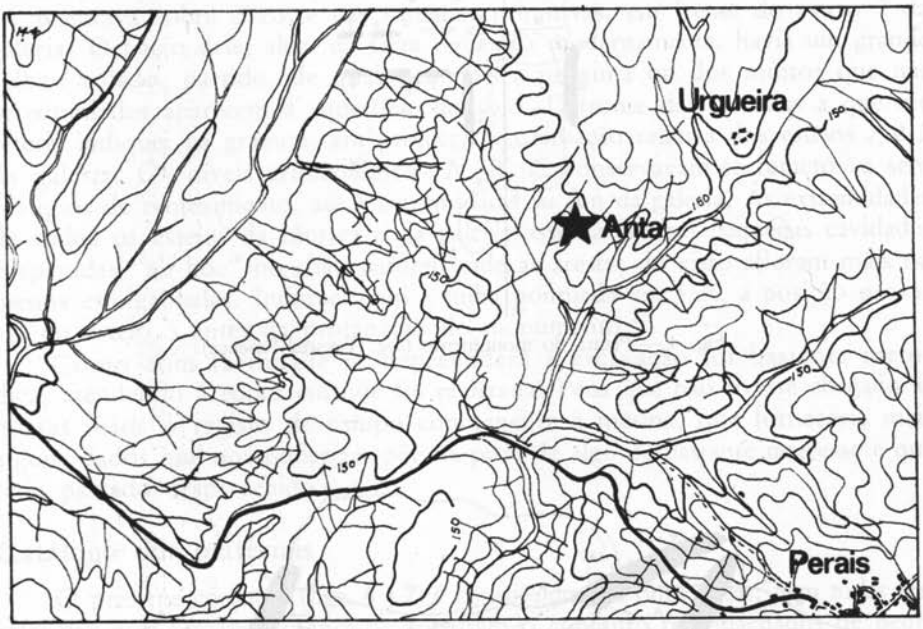

Fig. 3 — Localização da Anta da Urgueira. Esc. 1:25 000.

Quando em 1904 Tavares Proença procedeu à sua escavação, a mesma possuía dez esteios, todos de xisto da região, talvez até extraídos de uma pedreira que se encontra a cerca de 250 metros para sudeste do monumento [20]. Havia ainda vestígios da mamoa, constituída por pedras soltas e terra. Actualmente o *dólmen* possui apenas quatro esteios bastante partidos, estando a mamoa amplamente espraiada pelos arredores, fruto das inúmeras lavras havidas e da "meteorização" sofrida pelos agentes atmosféricos.

Escavação

Tavares Proença começou a escavar este monumento, como aliás já foi expresso, em 7 de Agosto de 1904. Este arqueólogo, desejando tirar o maior partido do trabalho, tentou ser o mais rigoroso possível, o que de certa forma parece ter conseguido. Assim, começou por escavar o corredor à entrada de modo a poder "retirar de todo o monumento a terra por camadas" [21].

Seguidamente se transcreve o que Tavares Proença escreveu sobre este episódio:

[20] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 11-12.

[21] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), p. 12.

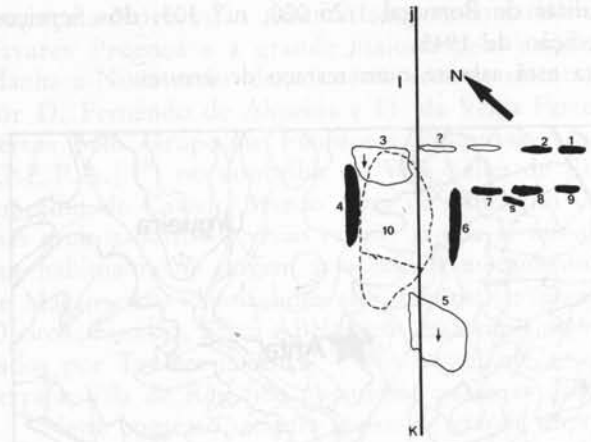

Fig. 4 — Planta do monumento (seg. Tavares Proença).

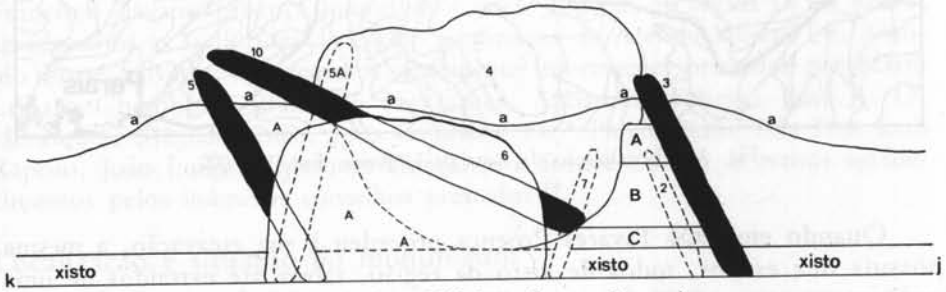

Fig. 5 — Corte J-K (seg. Tavares Proença).

"A fig. 2 indica o resultado da aplicação deste sistema. A linha a,a,a, indica a altura que atingiam os restos da mamoa na parte de fora do perímetro delimitado pelos esteios, e a altura que atingiam os entulhos dentro da câmara. A porção de terra encostada ao esteio 5 e indicada com as letras A, A, A, era constituída pelos antigos entulhos da câmara pouco remexidos pelos profanadores. A linha pontuada separa-a da parte média da câmara, revolvida até ao chão natural e entulhada com os restos da mamoa e lascas de xisto provenientes dos estragos causados nos esteios pelos bárbaros locais. Felizmente junto do esteio 3 e numa extensão de 1,11 metros apareceram intactas três camadas diferentes dispostas em sedimentos com as letras A, B, C, na figura 2. A primeira de 0,10 metros de espessura, marcada com a letra A, era constituída por terra avermelhada, de natureza xistosa, misturada com grande quantidade de pedaços de quartzo. A segunda com 0,25 metros de espessura, marcada com a letra B, era constituída por terra negra, compacta, onde os fragmentos de xisto e quartzo

faltavam mas onde estavam contidos os restos do mobiliário. A terceira de 0,05 metros de espessura, apenas, indicada com a letra C, era formada de terra vegetal, misturada com areia ou saibro em grandes quantidades e fragmentos de xisto, apresentando uma cor avermelhada irregular, tirante para negro. O esteio 10 assentava sobre o corte das camadas primitivas, em frente do esteio 7 da galeria. Debaixo dele, além da terra remexida modernamente, havia um grande calhau rolado, partido, de qualquer ribeira próxima ou dos muitos que nas proximidades aparecem à superfície do solo. Defronte das camadas a que me referi, indiquei na gravura, em projecção, a situação relativa dos esteios 7 e 2 da galeria. Os níveis arqueológicos A, B, C conservavam-se intactos e sem vestígios de remeximento, até à extremidade ou fim da galeria. As extremidades de todos os esteios da câmara e da galeria assentavam em pequenas cavidades preparadas "ah hoc" no chão natural onde as arestas do xisto afloram mais ou menos esmigalhadas. Indiquei com a linha pontuada em 5 A, a posição provável do esteio 5 antes da profanação do monumento [22].

Como com facilidade se depreenderá a escavação foi bastante metódica, atendendo à época em que foi realizada. Pena que não tivesse chegado às nossas mãos o registo de campo concernente à mesma, que forneceria mais alguns dados que nos poderiam pôr na pista de algo de bastante interesse e que teria passado despercebido.

Catálogo dos materiais

O presente conjunto (figs. 6 e 7) é constituído por onze peças, nem todas elas referidas por Tavares Proença [23]. Integram o conjunto três machados de pedra polida, sendo o restante constituído por peças de cerâmica. Muito nos alegramos que estes materiais tenham escapado ao descontrolo a que o Museu Albicastrense esteve sujeito entre os anos de 1969 a 1974 [24], altura em que tomou posse o actual director. No entanto, e caso subsistisse qualquer dúvida, todos os materiais aqui apresentados possuíam, quando iniciámos este estudo, etiquetas em que se lia claramente "ANTA DA URGUEIRA", sendo essa legenda da autoria do fundador do Museu de Castelo Branco, como se reconhece pela grafia.

Machados de pedra polida

Existem três machados de pedra polida provenientes da escavação de Tavares Proença. Foram recolhidos na galeria, ao lado do esteio 8, a 30 centímetros de profundidade, praticamente no nível inferior da camada B [25].

[22] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 12 e 14.

[23] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), pp. 14-16.

[24] SALVADO, A., O Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1980, pp. 10-11.

[25] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), p. 15.

1 — Machado de contorno geral rectangular, em xisto anfibólico. Secção transversal rectangular. Gume em bisel-duplo, convexo-simétrico, sendo a parte oposta truncada. Trabalho bastante bom. Polimento bastante apurado, especialmente no gume. Praticamente intacto. Dimensões: 10,1 × 4,0 × 2,7 cm.

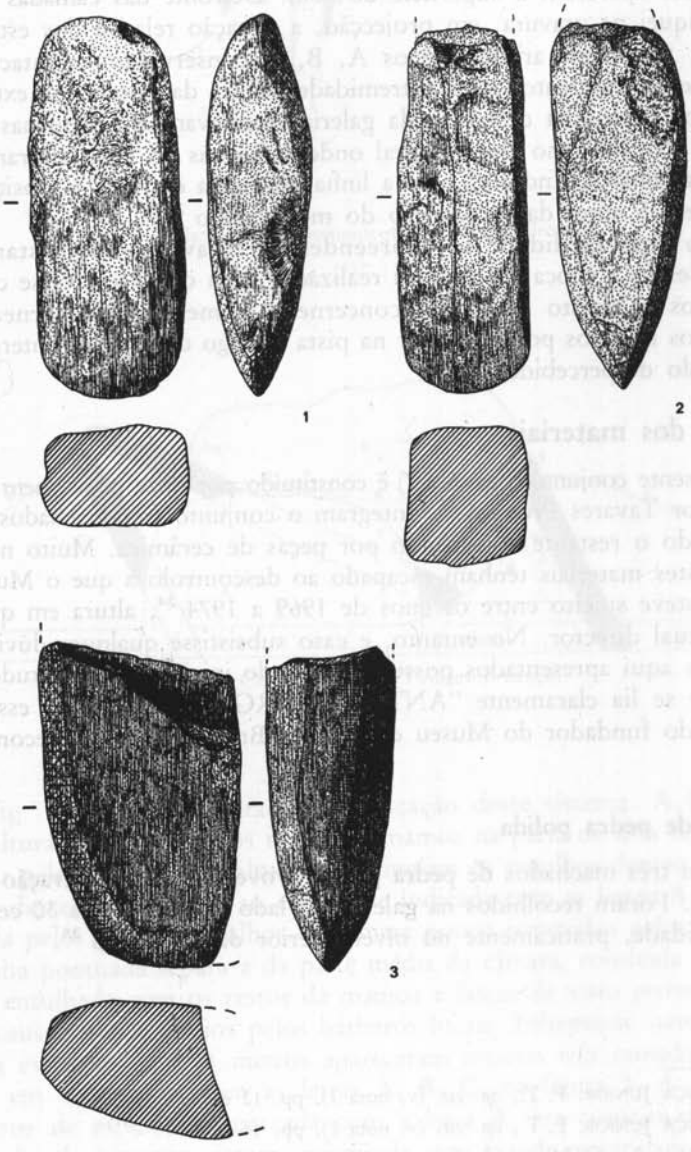

Fig. 6 — Material lítico da Anta da Urgueira. Esc. 1:2.

2 — Machado de contorno geral rectangular, em xisto anfibólico. Secção transversal rectangular. Gume em bisel-duplo, convexo-simétrico, sendo a parte posterior truncada. Trabalho mais grosseiro que o anterior, mas mesmo assim podendo ser considerado de bom nível. Bom polimento no gume assim como no resto da peça. Praticamente intacto. Dimensões: 9,7 × 3,3 × 3,7 cm.

3 — Machado em xisto anfibólico. Secção transversal presumivelmente sub-rectangular. Gume em bisel-duplo, convexo-simétrico. Polimento de muito bom nível. Muito fragmentado.
Dimensões: 8,8 × 5,2 × 3,5 cm.

Cerâmicas

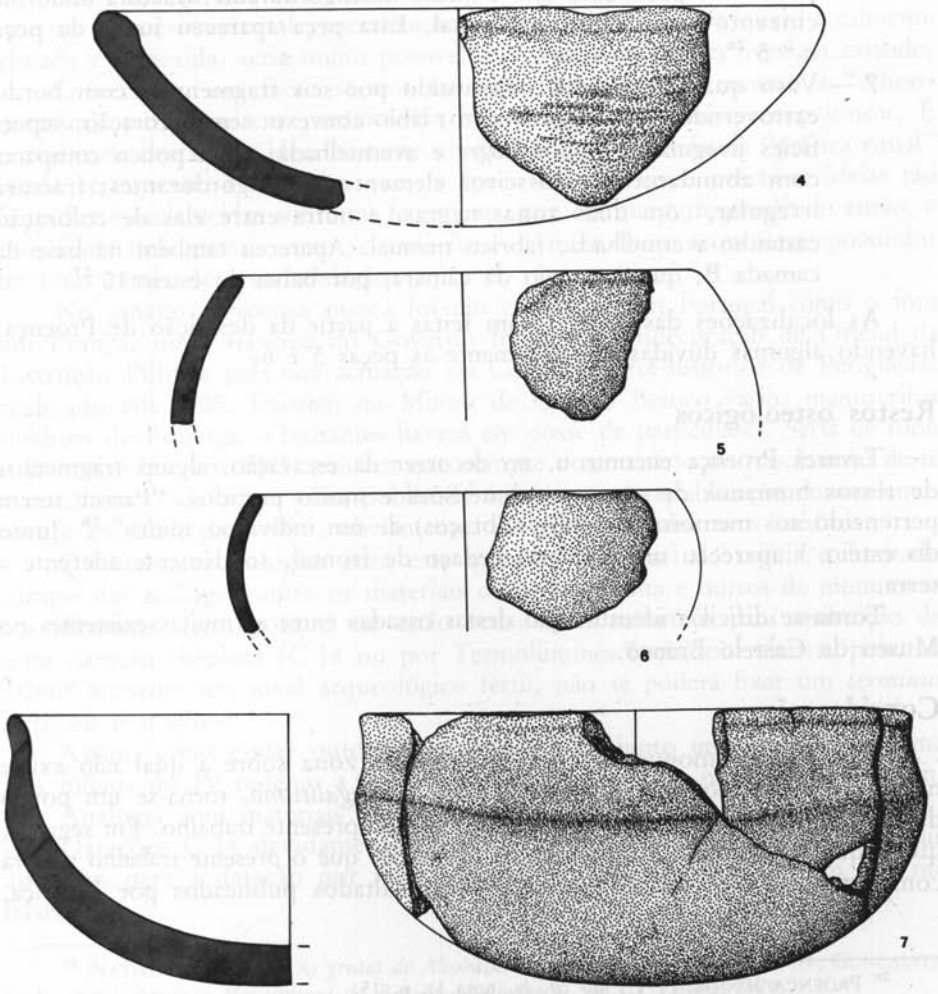

Fig. 7 — Cerâmica da Anta da Urgueira. Esc. 1:2.

4 — Fragmento de um vaso, com bordo extrovertido com espessamento para o interior; lábio convexo; sem decoração; superfícies castanho-avermelhadas e espatuladas; pasta compacta com médio e grosso desengordurante; fractura uniforme castanho-claro; fabrico manual.

5 — Fragmento de vaso, com bordo introvertido, sem espessamento; lábio plano-convexo; sem decoração; superfície externa cinzento-escura e interna cinzento-clara assim como castanho-escura; pasta pouco compacta com médio e grosso desengordurante; fractura uniforme castanho-clara; fabrico manual. Presumivelmente esta peça apareceu na base da camada B, na câmara, ao lado do esteio 3.

6 — Fragmento de um vaso, com bordo introvertido, sem espessamento; lábio plano-convexo; sem decoração; superfícies acinzentadas; pasta pouco compacta com fino e médio desengordurante; fractura uniforme cinzento-clara. Fabrico manual. Esta peça apareceu junto da peça n.º 5 [26].

7 — Vaso quase completo, constituído por seis fragmentos, com bordo extrovertido, sem espessamento; lábio convexo; sem decoração; superfícies irregulares de cor negra e avermelhada; pasta pouco compacta com abundantes e grosseiros elementos desengordurantes; fractura irregular, com duas zonas negras, e outra entre elas de coloração castanho-avermelhada; fabrico manual. Apareceu também na base da camada B, quase a meio da câmara, por baixo do esteio 10 [27].

As localizações das peças foram feitas a partir da descrição de Proença, havendo algumas dúvidas nomeadamente às peças 5 e 6.

Restos osteológicos

Tavares Proença encontrou, no decorrer da escavação, alguns fragmentos de restos humanos de pequenas dimensões e muito partidos. "Parece terem pertencido aos membros superiores (braços) de um indivíduo adulto" [28]. Junto do esteio 3 apareceu um pequeno pedaço de frontal, solidamente aderente à terra.

Torna-se difícil a identificação destas ossadas entre as muitas existentes no Museu de Castelo Branco.

Considerações

Estando este monumento integrado numa zona sobre a qual não existe nenhum estudo moderno de registo sobre o *megalitismo*, torna-se um pouco difícil tirar ilações suficientemente válidas para o presente trabalho. Em seguida, quero que fiquem bem evidenciadas as limitações que o presente trabalho poderá comportar por nos termos limitado aos resultados publicados por Proença,

[26] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), p. 15.

[27] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), p. 15.

[28] PROENÇA JÚNIOR, F. T., *op. cit.* (v. nota 1), p. 16.

autor da escavação. Contudo e, seguindo a descrição e resultados divulgados por Tavares Proença, tentaremos que o presente estudo atinja os objectivos a que nos propusemos.

Um facto desde logo nos chama a atenção: o pouco espólio recolhido por Proença. No entanto, cremos que o mesmo arqueólogo não terá escavado na totalidade o monumento, pois em 1979 Francisco Henriques e João Caninas recolheram alguns materiais cerâmicos à superfície deste *dólmen*. Outro facto saliente consiste na circunstância de o número de recipientes de cerâmica ser em maior quantidade em relação a outros materiais, o que não é muito corrente em monumentos deste tipo nesta região.

Sobre as observações finais de Proença, parece-nos haver algum reparo a efectuar, assim como algo a destacar:

Diz Proença que este monumento serviu apenas a um indivíduo. Parece-me ser inconsistente tal generalização, pois se a anta estava quase totalmente violada e remexida, seria muito possível que outras inumações tivessem existido.

Entretanto, um facto se nos salienta desde logo: o recurso à "ethnographia" para explicar presumíveis factos que o mesmo percepcionou. É também de destacar a ideia bastante nítida que Proença tinha da "prática ritual" usada certamente; é estranho que na época em que viveu possuísse ideias tão límpidas e esclarecidas sobre tal fenómeno, que era quase despercebido então, e que ainda hoje passa, como se nada fosse, a muito bom arqueólogo possuidor de boas cartas de recomendação.

No entanto, Proença nunca foi tão conhecido em Portugal como o fora em França, onde recebeu do Governo francês a condecoração de Oficial da Instrução Pública pela sua actuação no Congresso Pré-histórico de Perigueux, realizado em 1905. Existem no Museu de Castelo Branco vários manuscritos inéditos de Proença, e bastantes haverá em posse de particulares. Seria de todo o interesse que em 1983, ano em que cumpre o centenário do nascimento deste arqueólogo, toda a sua obra publicada sofresse uma republicação convenientemente anotada, para além, obviamente, da publicação dos seus inéditos.

Quanto a cronologias para este monumento, terei de seguir o limitado campo das analogias entre os materiais da presente anta e outros de monumentos idênticos. Isto, porque me estão vedados os caminhos para atribuição de uma datação absoluta (C 14 ou por Termoluminescência) ou relativa, pois, ao existir somente um nível arqueológico fértil, não se poderá fixar um *terminus ante* ou *post quem*.

Assim, creio poder outorgar ao presente conjunto uma datação próxima dos inícios do IV milénio a.C., por vários factores bem nítidos, como sejam:

Analogia com materiais da zona centro do País [29].

Datações C 14 devidamente calibradas, possuídas para a Beira Alta, que apontam para a datação por mim proposta, e, em boa verdade, em que me baseei [30].

[29] NATIVIDADE, M. V., *As grutas de Alcobaça*, "Portugália", I, 1903, pp. 10-44; GONÇALVES, V. S., *Neolitização e Megalitismo da Região de Alcobaça*, S.E.C., Lisboa, 1978.

[30] JORGE, V. O., *Retrospectiva do Megalitismo no Norte de Portugal*, "Actas da I Mesa-Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal", Porto, 1980, pp. 93-94.

Os materiais se poderem associar às longas e monótonas séries de materiais dolménicos provenientes dos *megálitos* alentejanos [31].

Por último, queria apelar para as entidades competentes, no sentido de estas, apoiadas nos requisitos legais de que são portadoras, protejam estes monumentos, pois bem o necessitam; por outro lado, fico uma vez mais esperando a saída da obra póstuma de Vera Leisner, integrada na série *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*, dedicada às Beiras.

Castelo Branco, 1980

[31] GONÇALVES, V. S., *op cit.* (nota 29), p. 18; LEISNER, G.; LEISNER V., *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*, Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 1951.